



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO – UEMA
CENTRO ESTUDOS SUPERIORES DE ITAPECURU MIRIM - CESIM
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS E LITERATURAS DE LÍNGUA
PORTUGUESA

LAYANE MATIAS SILVA

**A INCLUSÃO ESCOLAR DE ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO
AUTISTA (TEA) NO MUNICÍPIO DE ITAPECURU-MIRIM:** com a palavra, os
professores de Língua Portuguesa

Itapecuru Mirim, MA

2020

LAYANE MATIAS SILVA

**A INCLUSÃO ESCOLAR DE ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO
AUTISTA (TEA) NO MUNICÍPIO DE ITAPECURU-MIRIM:** com a palavra, os
professores de Língua Portuguesa

Monografia apresentada ao Curso de Letras –
Licenciatura em Língua Portuguesa e Literatura,
da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA,
Campus de Itapecuru Mirim – CESIM, como pré-
requisito para a conclusão do curso.

Orientadora: Profa. Ma. Walquíria Pereira da Silva
Dias

Itapecuru Mirim, MA

2020

Silva, Layane Matias.

A inclusão escolar de alunos com transtorno do espectro ((TEA) no município de Itapecuru-Mirim: com a palavra, os professores de língua portuguesa / Layane Matias Silva. – Itapecuru-Mirim, MA, 2020.

44 f

Monografia (Graduação) – Curso de Licenciatura em Língua Portuguesa e Literatura de Língua Portuguesa, Centro de Estudos Superiores de Itapecuru-Mirim, Universidade Estadual do Maranhão, 2020.

Orientador: Profa. Ma. Walquíria Pereira da Silva Dias.

1.Ensino – Aprendizagem. 2.Autismo. 3.Professores de língua portuguesa. I.Título.

CDU: 376-056.36(812.1)

LAYANE MATIAS SILVA

**A INCLUSÃO ESCOLAR DE ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO
AUTISTA (TEA) NO MUNÍCIPIO DE ITAPECURU-MIRIM: com a palavra, os
professores de Língua Portuguesa**

Monografia apresentada ao Curso de Letras –
Licenciatura em Língua Portuguesa e Literatura,
da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA,
Campus de Itapecuru Mirim – CESIM, como pré-
requisito para a conclusão do curso.

Orientadora: Profa. Ma. Walquíria Pereira da Silva
Dias

Aprovada em: _____ / _____ / _____

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Maria Walquíria Pereira da Silva

2º Examinador

3º Examinador

“Do lado de fora, olhando para dentro, você nunca poderá entendê-lo. Do lado de dentro, olhando para fora, você jamais conseguirá explicá-lo. Isso é autismo.”

Autism Topics

AGRADECIMENTOS

Ao meu criador, o Deus do impossível por todas as bênçãos em minha vida, por ajudar-me a ultrapassar todos os empecilhos durante a conclusão deste curso, por se fazer presente em minha caminhada e por me permitir concluir esta pesquisa, fundamental para minha formação.

Estendo este agradecimento aos meus pais Eliane e Antônio, à minha avó Hilda e minha irmã Amanda que são meus pilares, minha base, minha pedra angular, aqueles que fazem de tudo por meu futuro, que me incentivam, que sonham comigo, que sempre estarão ao meu lado.

Ao meu namorado Luan e minha madrinha Hérica, pelo incentivo aos estudos e que representam muito em minha vida.

Agradeço também alguns familiares que sempre se fizeram presente em minha trajetória. Obrigada a todos, por sonharem junto comigo, por partilharem do meu sucesso e por sempre orarem por meu futuro.

Agradeço imensamente a minha orientadora e grande mestra, Walquíria Dias, por toda paciência e tempo dedicado a minha orientação.

Por fim, agradeço imensamente a Deus pelos parceiros que encontrei durante este curso, grata a todos os componentes da equipe “pokémons”: Joyane Michele, Letícia Corrêa, Letícia Martins, Matheus Teixeira, Marcia Pereira e Thaís Vitória, meus irmãos de curso e eterna equipe, sou grata por toda parceria, risos, lágrimas e ajudas nos momentos difíceis.

Muito obrigada a todos!

RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo de estudo investigar os maiores desafios de profissionais de Língua Portuguesa no processo de ensino aprendizagem de alunos com TEA no município de Itapecuru-mirim e aprofundou os dados em análises minuciosas, tornando possível alcançar possíveis hipóteses que servem de pilares para alguns desafios vivenciados. O estudo localiza-se dentro da área de "Ensino de Língua Portuguesa" por referir-se as dificuldades no ensino e conseqüentemente no aprendizado na unidade de estudo em análise para alunos com TEA, tendo como subárea a Educação Inclusiva Especial e como objeto de estudo professores de Língua Portuguesa que lecionam na rede pública de ensino e têm em suas salas alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA), condição que se encontra dentro da categoria de Transtorno Global do desenvolvimento (TGD). A pesquisa ocorreu fundada em uma metodologia qualitativa, na qual todos os dados analisados foram os relatos dos professores da rede pública de ensino, sem a preocupação de dados quantitativos ou estruturados. A composição teórica contou com a contribuição de renomados pesquisadores das áreas em questão como Libâneo (1994), Lopes (2007) e outros grandes teóricos. Este estudo analisou quais são as dificuldades dos professores de Língua Portuguesa para com alunos autistas. Ao longo das análises foi perceptível que os empecilhos vivenciados pelos professores também envolvem ideologias exclusivas.

Palavras-chave: Ensino-aprendizagem. Autismo. Professores de Língua Portuguesa.

ABSTRACT

The present study aimed to investigate the greatest challenges of Portuguese language professionals in the teaching-learning process of students with ASD in the municipality of Itapecuru-mirim and deepened the data in thorough analysis, making it possible to reach possible hypotheses that serve as pillars for some challenges experienced. The study is located within the area of "Teaching Portuguese Language" as it refers to the teaching and learning difficulties in the study unit under analysis for students with ASD, with the Special Inclusive Education sub-area and the object of study teachers Portuguese speakers who teach in the public school system and have students with Autism Spectrum Disorder (ASD) in their classrooms, a condition that is within the category of Global Development Disorder (TGD). The research was based on a qualitative methodology, in which all the data analyzed were the reports of public school teachers, without the concern of quantitative or structured data. The theoretical composition had the contribution of renowned researchers in the areas in question such as Libâneo (1994), Lopes (2007) and other great theorists. This study analyzed what are the difficulties of Portuguese language teachers with autistic students. Throughout the analyzes it was noticeable that the obstacles experienced by the teachers also involve exclusive ideologies.

Keywords: Teaching-learning. Students with ASD. Portuguese Language Teachers.

LISTA DE QUADROS

| | |
|----------------|----|
| Quadro 1 | 28 |
| Quadro 2 | 29 |
| Quadro 3 | 31 |
| Quadro 4 | 32 |
| Quadro 5 | 33 |

LISTA DE SIGLAS

APAE Associação de Apoio aos Pais e Amigos

INEP Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio
Teixeira

LP Língua Portuguesa

OMS Organização Mundial de Saúde

PDI Plano de desenvolvimento individual

SEMED Secretaria Municipal de Educação

TEA Transtorno do Espectro Autista

TGD Transtorno Global do Desenvolvimento

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| 1 INTRODUÇÃO | 11 |
| 2 CAMINHOS HISTÓRICOS | 13 |
| 2. 1 História da educação especial e inclusiva no Brasil..... | 13 |
| 2.1 Um olhar sobre o Espectro | 14 |
| 2.2 A inclusão de alunos autistas..... | 16 |
| 3 DA FORMAÇÃO PEDAGÓGICA ÀS ADAPTAÇÕES NECESSÁRIAS.... | 18 |
| 3.1 Formação continuada..... | 18 |
| 3. 2 Processo de ensino e aprendizagem | 20 |
| 3. 3 Ponto de partida para a escolarização de discentes com TEA..... | 23 |
| 4 METODOLOGIA..... | 26 |
| 5 DESAFIOS DOS PROFESSORES DE L.P NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DE ALUNOS COM TEA | 28 |
| 5.1 A falta de estímulos reforçadores nas aulas de LP | 28 |
| 5. 2 A concepção do educador em relação ao aluno na sala regular | 29 |
| 5. 3 Retrocesso educacional sob a ótica do professor | 31 |
| 5. 4 As mazelas públicas educacionais | 32 |
| 5. 5 A inclusão é um dever somente do professor? | 33 |
| 6 CONCLUSÃO..... | 34 |
| REFERÊNCIAS | 36 |
| ANEXO | 40 |
| Anexo A: Ofício Circular Nº 51/2019-LET/ITA/UEMA..... | 41 |
| APÊNDICE | 42 |
| Apêndice A: Termo de consentimento livre e esclarecido..... | 43 |
| Apêndice B: Coleta de dados | 44 |

1 INTRODUÇÃO

Durante muito tempo, ideologias sociais não garantiram os direitos das pessoas com deficiência de viverem como qualquer outro cidadão, as quais eram consideradas como incapacitadas de exercitarem algumas funções e ocupar os espaços de interação social, como as escolas. As instituições educacionais passaram por longos processos e reorganizações, legitimadas pela legislação, até chegarem ao paradigma de educação inclusiva vigente.

Historicamente, a exclusão protagonizou as vivências das pessoas com deficiência, período de rejeição, extermínio, marginalização. Com os movimentos de resistências, instituições de ensino específicas foram instituídas e, posteriormente, o acesso à educação nas escolas regulares foi garantido. Após algumas reformas na legislação as pessoas com deficiências avançaram em direção à concepção inclusiva, em que a educação é um direito de todos. Vale citar alguns documentos representativos, como a Constituição Federal Brasileira (1988), a Declaração de Salamanca (1994), a Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional (LDB), nº 9394/96, e a Declaração Mundial de Educação para Todos (1998), documentos que vieram fundamentar a inclusão educacional das pessoas com deficiência.

Nessa direção, a reorganização curricular passou a constar como parâmetros legais, assim como as formações continuadas para professores atuarem na área da educação especial e inclusiva. Com base no exposto, a presente pesquisa foca nos desafios encontrados pelos professores de Língua Portuguesa ao trabalharem com discentes com Transtorno do Espectro Autista (TEA).

A escolha da temática justifica-se pela área de formação da pesquisadora, assim como responde às inquietações pessoais originadas nas vivências no ambiente de trabalho no atendimento a crianças com TEA.

De acordo com o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), em pesquisas realizadas no ano de 2018, o número de crianças com TEA matriculadas em salas regulares cresceu. Devido a isso, é válido repensar o processo de ensino e aprendizagem desse público e reorganizar metodologias educacionais, na busca por soluções educacionais que visibilizem a inclusão desses discentes.

Nesse contexto, a Língua Portuguesa possui um papel substancial, possibilitando a socialização e a apreensão de conhecimentos e contribuindo no desenvolvimento da linguagem. No entanto, muitos são os desafios encontrados, principalmente no aspecto comunicativo. Portanto, pesquisas direcionadas à

prática docente nessas aulas contribuem para reflexões e possíveis ações que proporcionem a melhoria da prática pedagógica e, conseqüentemente, para o desenvolvimento desses alunos.

Dito isto, é válido problematizar e questionar: quais os desafios de professores de Língua Portuguesa no processo de ensino e aprendizagem dos discentes com Transtorno do Espectro Autista? Assim, temos como objetivo analisar os entraves e as potencialidades no processo de ensino e aprendizagem dos discentes com TEA nas aulas de português, a partir da perspectiva dos professores de Língua Portuguesa.

Com base nisso, na segunda seção, realizamos um resgate histórico que subjaz a educação inclusiva e a inclusão de pessoas com TEA. A terceira é direcionada para a formação pedagógica e para as adaptações necessárias para que sejam contempladas às especificidades dos discentes com TEA. Na seção quatro, delimitamos a metodologia e na quinta apresentamos as discussões dos dados. Por fim, na última seção apresentamos as conclusões.

2 CAMINHOS HISTÓRICOS

Sabemos que os movimentos sociais em prol das pessoas com deficiência, historicamente, têm buscado uma sociedade igualitária, na qual suas limitações sejam respeitadas. Para chegarmos à constituição da legislação, caminhos de lutas foram trilhados. Nessa linha, este tópico aborda traços históricos e conquistas das pessoas com deficiência frente às ordens sociais e aos padrões pré-estabelecidos.

2. 1 História da educação especial e inclusiva no Brasil

Historicamente eram excluídas do convívio social. Segundo Mazzotta (2005, p.3)

A própria religião, com toda a sua força cultural, ao colocar o homem como imagem e semelhança de Deus, ser perfeito, inculcavam a idéia da condição humana como incluindo perfeição física e mental. E não sendo parecidos com Deus, os portadores de deficiências (ou imperfeições) eram postos à margem da condição humana.

Se atualmente existem debates sobre inclusão é porque anteriormente houve um contexto excludente sobre as pessoas com necessidades especiais. Mesmo durante o período da Idade Média que tinham toda uma religiosidade presente, uma concepção do homem como obra divina, as pessoas que tinham algumas limitações, física, psicológica, entre outros, sofriam práticas de abandono, eram acolhidas em conventos, institutos especializados ou asilos. As pessoas que não se moldavam aos padrões estabelecidos eram colocadas à margem da sociedade.

No século XIX, vemos se desenvolver a perspectiva segregacionista, com fundação de instituições especializadas, como Instituto Benjamim Constant (1854), destinado a pessoas cegas e o Instituto dos Surdos-Mudos, atualmente Instituto Nacional da Educação de Surdos (1957), ambos no Rio de Janeiro.

Em meados do século XX algumas políticas públicas surgiram e com elas a criação da Associação de Pais e Amigos (APAIE). “O paradigma da Institucionalização fundamentava-se na ideia de que a pessoa com deficiência estaria mais bem protegida e cuidada em ambiente segregado e, por conseguinte a sociedade estaria protegida dela.” Mendes (2006, p. 387).

Posteriormente, surge no cenário brasileiro à terceira fase da educação para pessoas com habilidades específicas, consiste na integração, os alunos

eram colocados nas escolas, porém em uma sala a parte, tinham o auxílio de uma professora, por mais que estavam dentro de sala de aula de uma escola regular não havia interação social.

Na década de 90, observamos um novo cenário, a partir da perspectiva inclusiva, legitimado pela legislação.

[...] o movimento mundial pela inclusão é uma ação política, cultural, social e pedagógica, desencadeada em defesa do direito de todos os alunos de estarem juntos, aprendendo e participando, sem nenhum tipo de discriminação. A educação inclusiva constitui um paradigma educacional fundamentado na concepção de direitos humanos, que conjuga igualdade e diferença como valores indissociáveis, e que avança em relação à ideia de equidade formal ao contextualizar as circunstâncias históricas da produção da exclusão dentro e fora da escola. (BRASIL, 2008, p. 4)

Cada pessoa possui características singulares, únicas, com níveis de aprendizagem diferentes. Ao incluir o aluno, aceitá-lo como um integrante da turma, o professor colabora para uma sociedade igualitária e inclusiva, perpetuando esse papel humanitário aos seus alunos.

O direito de todas as crianças à educação está proclamado na Declaração Universal dos Direitos Humanos e foi reafirmado com veemência pela Declaração sobre Educação para Todos. Pensando desta maneira é que este documento começa a nortear Todas as pessoas com deficiência têm o direito de expressar os seus desejos em relação à sua educação. Os pais têm o direito inerente de ser consultados sobre a forma de educação que melhor se adapte às necessidades, circunstâncias e aspirações dos seus filhos. (DECLARAÇÃO DE SALAMANCA p. 5 - 6).

A Educação Especial na conjuntura da inclusão consiste considerar a todos nas tarefas diárias da escola, facilitando o aprendizado do aluno através de métodos educacionais que viabilizam o aperfeiçoamento de suas habilidades e dando subsídios para o desenvolvimento pedagógico e social do aluno. Requer do professor aperfeiçoamento de seus métodos pedagógicos, autoavaliação da prática docente e formação continuada para favorecer o desenvolvimento global dos discentes.

2.1 Um olhar sobre o Espectro

O autismo anteriormente era considerado característica próxima da esquizofrenia foi identificado em 1943 pelo psiquiatra Leo Kanner. Na

observação de alguns casos, o doutor percebeu características individuais, viu essa condição como um transtorno separado da esquizofrenia, com suas singularidades. A princípio Kanner considerava que o transtorno era ocasionado pela ausência de um sentimento afetivo familiar não correspondido ao sujeito com TEA, teoria que recebeu inúmeras críticas pela sociedade da época, visto isso, percebe-se que a descoberta do Autismo é recente, muitas pesquisas e teorias já foram levantadas sobre este transtorno comportamental, porém ainda não foi definido com exatidão o que vem ser o Autismo.

“O isolamento autístico”, estava presente na criança desde o início da vida sugerindo que se tratava então de um distúrbio inato. Nela, descreveu os casos de onze crianças que tinham em comum um isolamento extremo desde o início da vida e um anseio obsessivo pela preservação da rotina, denominandoas de “autistas”. Kanner (1943)

É um transtorno que desperta curiosidade nas pessoas, nas mídias e nos cientistas por se tratar de algo que tem sua origem desconhecida e que de acordo com a Organização Mundial da saúde (OMS) vem se tornando cada vez mais presente na sociedade. O critério imposto por Kanner é algo que não pode ser generalizado e nem uma explicação para o autismo, uma vez que a criança com autismo, por exemplo, pode ter pais amorosos viver rodeado de carinho e ser diagnosticado com TEA. Foram surgindo novas teorias e visto ao longo do tempo que o Autismo não está relacionado ao comportamento afetivo dos pais em relação ao filho e sim um transtorno do desenvolvimento. Essa vertente, postulada por Kanner, perpetuou-se da década de 1960 aos anos de 1980. Após este período, começaram a surgir métodos sobre a compreensão do autismo e para ajudá-lo na interação social, métodos estes que se tornaram comuns nas escolas especiais.

[...] Mas foi apenas anos 70 que BeateHermelin e Neil O'Connor e seus colegas em Londres, formados na nova disciplina da psicologia cognitiva, dedicaram-se à estrutura mental do autismo de uma maneira mais sistemática. Seu trabalho (e o de Lorena Wing, em particular) sugere que existe um problema essencial, uma tríade consistente de deficiência, em todos os indivíduos autistas: deterioração da interação social com os outros, da comunicação verbal e não verbal e das atividades lúdicas e imaginativas. (SACKS, 1995, p. 254)

A partir de 1980 aos dias atuais o transtorno passou a ser visto não mais como um transtorno de caráter psíquico e tão pouco de ordem cognitiva e sim

como um transtorno do desenvolvimento, como uma maneira de caracterizar o autismo diante de determinadas dificuldades que eram observadas, ou seja, o autismo é um fio que surgiu da união de resultados de fatores biológicos e neurológicos.

Uma das teorias atuais que refletem sobre a possível causa do autismo compreende uma defasagem nos neurônios espelhos ou neurônios visomotores dos sujeitos com TEA, neurônios responsáveis pela imitação e observação de comportamentos. Sabe-se muito sobre o autismo, contudo, não o suficiente para discriminar com certeza suas causas. O Espectro gera alterações em alguns fatores básicos e sociais nos sujeitos, como por exemplo, o processo de interação, comunicação social e observação. Estes sujeitos apresentam características singulares na sua relação com o mundo.

Alguns fatores podem colaborar de forma positiva ou negativa para o avanço comportamental deles um deste é o meio no qual eles estão inseridos, os estímulos que recebem de quem os acompanham se é rico de tudo que pode ajudar no desenvolvimento do autista. A nomenclatura de “espectro” baseia-se em uma variedade de manifestações comportamentais. De acordo com Cunha (2015, p.140), “o uso atual da nomenclatura Transtorno do Espectro Autista possibilita a abrangência de distintos níveis do transtorno, classificando-os de leve, moderado e severo”.

É importante ressaltar a singularidade de cada autista, cada caso com suas peculiaridades. Há sujeitos com TEA que tem uma percepção brilhante em alguns aspectos assim como apresentam aperfeiçoamento em algumas áreas, mas limitações em outras.

[...] as manifestações comportamentais que definem o TEA incluem comprometimentos qualitativos no desenvolvimento sociocomunicativo, bem como a presença de comportamentos estereotipados e de um repertório restrito de interesses e atividades, sendo que os sintomas nessas áreas, quando tomados conjuntamente, devem limitar ou dificultar o funcionamento diário do indivíduo (APA, 2013 apud ZANON et al, 2014, p.25).

2.2 A inclusão de alunos autistas

O contexto sobre as lutas pelo direito à escola e outros direitos sociais dos sujeitos com deficiência foi marcado por intensas lutas, legitimadas pela

reformulação da Constituição Federal (1988), que assegurou uma educação de qualidade e igualitária para todos.

“A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”, Art. 205.

A partir disto, toda e qualquer pessoa possui o pleno direito de ser acolhido em uma instituição de ensino, pois segundo a constituição de 1988 à todos foi garantido o direito aos estudos. A educação especial na perspectiva inclusiva também ganhou espaço. De acordo com a lei de diretrizes e bases da educação básica (LDB), nº 9394/96, os estudantes com deficiência podem ser matriculados nas salas regulares de ensino em qualquer nível da educação básica, uma conquista para as pessoas com necessidades especiais.

A inclusão de alunos com qualquer dificuldade ainda é um fator considerado difícil nas escolas públicas brasileiras, dificuldades estas geradas por uma série de fatores internos e externos a instituição de ensino. Sabe-se que o processo que chamamos de inclusão escolar não consiste apenas na ação de colocar o aluno especial na sala regular ou tão pouco somente efetuar sua matrícula em uma escola inclusiva. A inclusão vai além, é uma reorganização pedagógica de acordo com o aprendizado e as limitações do aluno, garantindo seu direito de escolarização. Lopes (2007, p.1) assegura que a inclusão “[...] pretende não impor para tais alunos facilidades ou dificuldades diferentes dos demais, apenas pensar em estratégias diferentes de planos de ações”.

Atualmente, o número de alunos com TEA aumentou nas escolas brasileiras de acordo com dados do INEP (2018), transtorno este que interfere na socialização e na comunicação do sujeito. Essa dificuldade na comunicação gera algumas barreiras na interação professor-aluno que acarreta no desenvolvimento formativo do discente, cabendo ao professor maneiras pedagógicas de aproximação ao aluno.

Para que haja inclusão de fato é necessária uma união entre a teoria e a prática, sendo assim políticas públicas e o exercício delas para facilitar este processo, além de uma preocupação por partes dos governantes com estes alunos e professores. É notório que o caminho para a inclusão ainda é longo, existe um grande percurso a seguir.

3 DA FORMAÇÃO PEDAGÓGICA ÀS ADAPTAÇÕES NECESSÁRIAS

Os cursos de licenciaturas gradativamente sofrem ganhos ou perdas educacionais e pedagógicas. É notório que apenas o diploma da graduação não é o suficiente para se ter um trabalho de muita relevância no âmbito educacional, no trabalho com os alunos e na interação professor-aluno, devido à vasta diversidade de realidades existentes entre os discentes. Com base nisso, enfatizamos o processo de formação, com enfoque na formação continuada, de suma importância para a excelência de um profissional da educação.

3.1 Formação continuada

Sabe-se que a educação é de suma importância para a formação de sujeitos, a mesma os prepara para um mundo diversificado e cheio de conflitos diários. Quando falamos de educação automaticamente surge à figura do professor membro de total importância para que haja de fato ensino e aprendizagem. Ensinar é um desafio constante aos docentes. O processo de vivenciar cada dia realidades diferentes e fazer uma reflexão crítica a fim de contribuir com o aprendizado de cada aluno com níveis e algumas dificuldades de aprendizagem singulares são trabalhos árduos que requer reorganização metodológica por parte do professor, para que possa de fato haver aprendizado.

Para isso, faz-se necessário a fuga do comodismo e dos métodos tradicionais em busca de novos horizontes de aperfeiçoamento de seus saberes que lhes proporcionará uma nova prática em sua sala de aula. O docente não pode limitar-se em ser apenas um mero reproduzidor de conteúdos, visto isto, é necessária formação continuada que ajude o professor a exercer o seu papel de educador e transformador, com êxito e em sua amplitude. Freire (1996, p. 43) afirma que: “na formação permanente dos professores, o momento fundamental é a reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática”.

Requer dos professores responsabilidades em suas práticas pedagógicas e uma autoavaliação crítica sobre o seu complexo e importante papel na sociedade e na formação de cada discente. O profissional que se

autoavalia e que é criterioso na formação de seu perfil docente, busca conhecimentos enxergando a diversidade de sua sala de aula, buscando continuação em sua formação. O profissional da educação é responsável por preparar cidadãos críticos e pensantes, Pereira (2011, p. 69) destaca que:

A docência, portanto, é uma atividade complexa porque a realidade na qual o professor atua é dinâmica, conflituosa, imprevisível e apresenta problemas singulares que, portanto exigem soluções particulares. Exige mobilizações de saberes para o cumprimento do objetivo de educar que é: o desenvolvimento das diferentes capacidades – cognitivas, afetivas, físicas, éticas, estéticas, de inserção social e de relação interpessoal – dos educandos, que se efetiva pela construção de conhecimentos.

O profissional da educação necessita ter uma visão do conhecimento em várias dimensões, sendo responsável por construir sua identidade docente voltando-se para os fundamentos educacionais, para as dificuldades e diversidade de sua sala de aula. A tarefa de lecionar é árdua exigindo sempre aperfeiçoamento daquele que é responsável por construir saberes.

A graduação é o primeiro passo da vida acadêmica de um professor, é base para se adentrar nas instituições de ensino e exercer o papel de lecionar, essa etapa tem uma função fundamental na formação do docente, porém não é o suficiente para realizar este trabalho com êxito ao deparar-se com uma realidade escolar diversa.

Somente a graduação não oferece todo conhecimento que formará o profissional e lhe dará instrução para saber trabalhar com cada realidade escolar, pois as necessidades de uma sala de aula mudam de acordo com cada contexto, com a filogênese de cada discente. Devido a isso, é de fundamental importância que o professor não pare os estudos apenas com os conhecimentos prévios adquiridos na graduação, que o mesmo esteja sempre em busca de aperfeiçoamentos de seus conhecimentos prévios. Derlos (2003, p. 160) destaca que “A qualidade de ensino é determinada tanto ou mais pela formação contínua dos professores, do que pela sua formação inicial [...]”.

As necessidades educacionais crescem cada vez mais, tornando necessárias qualificações para os professores após a formação inicial. A formação continuada permite profissionais sempre preparados e atualizados, que contribuirá para a construção de seres críticos.

Portando, a educação continuada deve ser entendida como um aliado na formação dos professores e no seu desenvolvimento, pois ela oferece aperfeiçoamento das práticas pedagógicas do professor, visando o melhoramento profissional. Ela vem sendo cada vez mais debatida no âmbito educacional, tida como ponto fundamental para o progresso e sucesso do profissional, pois disponibiliza uma reflexão crítica sobre as práticas pedagógicas e sobre o melhoramento do especialista.

Para obter o sucesso ao longo da tarefa de lecionar é necessário aperfeiçoamento das competências e habilidades dos professores, para uma educação de qualidade é viável o avanço do corpo docente e de todos que estão interligados a escola. A busca por melhorias das competências dos professores afeta positivamente no desenvolvimento de seus discentes. Ressaltamos que é de suma relevância e obrigatoriedade do governo oferecer formações aos professores. A Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional (BRASIL, 1996) aponta que é de responsabilidade do Estado oferecer formação contínua aos profissionais da educação.

3. 2 Processo de ensino e aprendizagem

Para se chegar à conceituação de ensino e aprendizagem, faz-se necessário falar cada um dos conceitos e porque essa relação é tão importante nessa pesquisa. O ensino é o processo que tem por objetivo final a obtenção, por parte dos educandos, de conhecimento visando dar todo o direcionamento para que se chegue à aprendizagem. Para Libâneo (1994, p. 90), “[...] ensino visa estimular, dirigir, incentivar, impulsionar o processo de aprendizagem dos alunos”.

O processo de lecionar é uma das atividades de mais relevância e fundamental para a formação de cidadãos. Ensinar é a manifestação de conhecimento que tem por finalidade a assimilação e a internalização do conhecimento a quem for redirecionado, na concepção escolar aos alunos, devido isto é necessário a busca árdua do professor por métodos que atendam a todos os alunos de forma individual ou coletiva de acordo com suas limitações e desenvolvam as potencialidades dos discentes.

Segundo Libâneo (1994, p. 91) “O processo de ensino [...] deve estabelecer exigências e expectativas que os alunos possam cumprir e, com

isso, mobilizem suas energias. Tem, pois o papel de impulsionar a aprendizagem e, muitas vezes, a precede”.

Nesse processo, é fundamental o planejamento das aulas por parte do professor, é neste momento que ele irá visualizar quais caminhos seguir em questões metodológicas para conquistar o público discente e trazer melhorias para sua sala de aula visando o aprendizado dos alunos, por isso, faz-se necessário a transcendência do planejamento escolar.

[...] o ato de planejar exige aspectos básicos a serem considerados. Um primeiro aspecto é o conhecimento da realidade daquilo que se deseja planejar, quais as principais necessidades que precisam ser trabalhadas; para que o planejador as evidencie faz-se necessário fazer primeiro um trabalho de sondagem da realidade daquilo que ele pretende planejar, para assim, traçar finalidades, metas ou objetivos daquilo que está mais urgente de se trabalhar. (OLIVEIRA, 2007, p.21)

Par que um planejamento tenha eficácia na sala de aula é necessário que o professor tenha um diagnóstico da realidade de seus alunos, assim poderá contribuir para a superação das dificuldades do discente, com práticas eficazes e também para que o docente tenha segurança e êxito nas ministrações de suas aulas, servindo como um estímulo para um ensino e uma aprendizagem de forma favorável aos dois termos, tanto ao professor como ao aluno. Em relação a isso Holanda (APUD LUCKESI, 2011, p.19) afirma que:

Podemos definir o planejamento como a aplicação sistemática do conhecimento humano para prever e avaliar cursos de ação alternativos, com vista a tomada de decisões adequadas e racionais, que sirvam de base para a ação futura. Planejar é decidir antecipadamente o que deve ser feito, ou seja, um plano é uma linha de ação préestabelecida.

Ao remeter-se aos dois processos que se interligam no desenvolvimento escolar podemos conceitualizá-lo como um processo que rege o desenvolvimento humano. Sabe-se que o aprender é uma internalização de algum conhecimento, é um processo de assimilação seja de um aprendizado simples e cotidiano ou como um científico de nível redirecionado ao academicismo. De acordo com Libâneo (1994):

“Aprender é o processo de assimilação de qualquer forma de conhecimento, desde o mais simples onde a criança aprende a manipular os brinquedos, aprende a fazer contas, lidar com as coisas, nadar, andar de bicicleta etc., até processos mais complexos onde uma pessoa aprende a escolher uma profissão, lidar com as outras. Dessa forma as pessoas estão sempre aprendendo.”

A fim de que aconteça uma aprendizagem efetiva é necessário que o aluno durante sua trajetória escolar sempre tenha o auxílio do professor para um melhor aprendizado, a aprendizagem ou conhecimento adquirido em sala de aula se aparecerá posteriormente através das práticas do educando, também faz-se necessário o estímulo do discente para os conteúdos e as aulas ministradas pelo professor, isto é de grande valia para que haja aprendizagem:

“Para que se possa haver a aprendizagem é preciso um processo de assimilação ativa que para ser efetivo necessita de atividades práticas em várias modalidades e exercícios, nos quais se pode verificar a consolidação e aplicação prática de conhecimentos e habilidades” (LIBÂNEO, 1994)

Outro fator de suma notoriedade para a aprendizagem do aluno segundo Libâneo é a motivação dada ao aluno, visto que essa motivação pode ser externa a escola, no convívio social ou no meio familiar, ou interna a escola pelo corpo docente, pelos professores que são personagens essenciais na formação dos alunos e na lapidação do cidadão.

A motivação é intrínseca quando se trata de objetivos internos, como a satisfação de necessidades orgânicas ou sociais, a curiosidade, a aspiração pelo conhecimento; é extrínseca, quando a ação da criança é estimulada de fora, como as exigências da escola, a expectativa de benefícios sociais que o estudo pode trazer, a estimulação da família, do professor ou dos demais colegas. (LIBÂNEO, 1994, p. 88).

Durante o trabalho por uma aprendizagem de fato é necessário que o professor busque caminhos e práticas pedagógicas de acordo que faça com que o aluno possa desenvolver suas habilidades, aprender está muito além da repetição de conteúdos é uma série de elementos que formam os cidadãos críticos e sociais. É necessário fornecer aos mesmos mecanismos de estudos que de alguma maneira liguem com a realidade do estudante, com o contexto que ele vivência, pois assim será de mais valia para ele estudar. De acordo com Libâneo, (1994, p.22) o planejamento tem grande relevância por tratar-se de “Um processo de racionalização, organização e coordenação da ação docente, articulando a atividade escolar e a problemática do contexto social”.

Diariamente, são ensinados nas escolas diversos conteúdos das áreas das ciências que a educação se encarrega de estruturar e direcionar para que a função da escola seja efetivada. Nessa estruturação de conteúdos e direcionamento do saber, temos um processo que será uma ligação de dois pontos que são coniventes e que são necessários dentro da sala de aula. O processo em questão é chamado de processo de ensino e aprendizagem que é algo que naturalmente faz-se de maneira mútua, é uma transmissão do professor que ensina para o aluno que aprende e assimila o conteúdo trazendo também suas considerações externando-a e transmitindo ao professor que automaticamente também aprenderá com o aluno. Conforme Libâneo (1994, p. 90).

A relação entre ensino e aprendizagem não é mecânica, não é uma simples transmissão do professor que ensina para um aluno que aprende.” Diferente disto o autor cita que é algo que acontece de maneira mutua, “é uma relação recíproca na qual se destacam o papel dirigente do professor e a atividade dos alunos.

Em conformidade ao que foi mencionado, lecionar é uma prática que busca aprendizagem do aluno e não a memorização de conteúdos expostos pelo professor, visto que o professor tem o papel de emergir o aprendizado, estimular, impulsionar os alunos. Para que haja a assimilação dos conteúdos o aluno necessita de ter por perto o papel do docente como um mediador de conhecimento (LIBÂNEO, 1994).

Mediante o exposto viu-se que o processo de ensino e aprendizagem são mecanismos que andam lado a lado e significativos na formação do cidadão e de um preceptor preparado frente a realidade de seus alunos, pois quando à busca pela internalização de seus conteúdos ministrados aos alunos e por visibilizar uma aprendizagem de fato e completa frente as dificuldades do educando, a faixa etária e outros quesitos que integram a ementa e os métodos que o professor deverá usar, há também nas entrelinhas um profissional da educação preparado e que busca o seu melhoramento frente a uma sala de aula diversificada contextualmente.

3. 3 Ponto de partida para a escolarização de discentes com TEA

Compreende-se que as salas regulares de ensino são diversificadas, cada aluno traz uma realidade diferente que reflete em uma reorganização

metodológica para levar aprendizado aos indivíduos. Atualmente há um grande número de alunos com necessidades especiais nas salas de aula, fator que antes não era visto por questões históricas já explanadas.

Segundo o INEP 2018, houve um crescente aumento no número de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) nas salas regulares de ensino, devido este aumento é valioso estudos sobre métodos que viabilizam a aprendizagem dos alunos com TEA, assim como facilita a interação professor e aluno. Para trabalhar com este público é necessário o abandono de métodos tradicionais que não irão contribuir no desenvolvimento do discente. Metodologias adequadas são importantes para o avanço dos alunos

Currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização, específicos para atender às suas necessidades; terminalidade específica para aqueles que não puderem atingir o nível exigido para a conclusão do ensino fundamental, em virtude de suas deficiências [...], professores com especialização adequada em nível médio ou superior, para atendimento especializado, bem como professores do ensino regular capacitados para a integração desses educandos nas classes comuns; educação especial para o trabalho, visando a sua efetiva integração na vida em sociedade, inclusive condições adequadas para os que não revelarem capacidade de inserção no trabalho competitivo, mediante articulação com os órgãos oficiais afins [...] acesso igualitário aos benefícios dos programas sociais suplementares disponíveis para o respectivo nível do ensino regular (BRASIL, 1996, p. 19-20).

Na maioria dos casos um professor ao se deparar com um aluno autista em sua sala de aula mostra-se preocupado em se deparar com indagações de como trabalhar com este público, gerando uma reflexão do profissional sobre sua prática pedagógica, existe uma insegurança, conflitos internos no professor quanto à inclusão.

Neste sentido, a angústia gerada no professor em relação ao aprendizado deste público é um ponto de partida para a busca por metodologias que de fato auxiliarão na escolarização desses alunos. Neste momento é viável um bom planejamento (PDI), este é a introdução para a inclusão. É louvável que o professor participe afetivamente no desenvolvimento do projeto político pedagógico da escola, pois ele é quem rege, norteia o ensino da instituição, neste momento o professor irá facultar o projeto em práticas educacionais acessíveis e que envolvam os alunos autistas, contribuindo, assim, para a inclusão.

É necessário que os profissionais também busquem formação para trabalhar com alunos com dificuldades, neste caso os autistas. A lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012, que institui uma Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, garante “o incentivo à formação e à capacitação de profissionais especializados no atendimento à pessoa com transtorno do espectro autista, bem como a pais e responsáveis” (BRASIL, 2012, art 2º, parágrafo VII). É relevante o preparo destes profissionais para o acolhimento de seus alunos.

Perceber que o aluno autista assim como outros discentes que possuem outras especificidades ou não, têm direito a uma educação de qualidade e evolutiva, é importante para iniciar um processo de ensino com o discente, na qual o profissional buscará métodos e formação para favorecer cada vez mais o desenvolvimento do aluno. Ensinar um aluno autista, conforme Berehohff (1994, p.11) “é uma experiência que leva o professor a rever e questionar suas ideias sobre desenvolvimento, educação, normalidade e competência profissional”

4 METODOLOGIA

A presente proposta questionou docentes de Língua Portuguesa sobre os entraves que perpassam suas aulas. Com base nisso, trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, por se tratar de um estudo investigativo, no qual os dados coletados serviram para análises. Assim, apurou respostas para algumas indagações, sem a preocupação com dados estatísticos. (PRODANOV; FREITAS, 2013).

Como etapa inicial e constante, realizou-se uma pesquisa explicativa, as quais, de acordo com Gil (1995, p.46) “são aquelas pesquisas que têm como preocupação central identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos.” Visto isso, a pesquisa buscou encontrar nas respostas dos professores investigados possíveis fatores que contribuem para a propagação e existência dos desafios vivenciados por eles na inclusão de alunos autistas.

A pesquisa também ocorreu de maneira bibliográfica:

A pesquisa bibliográfica busca a resolução de um problema (hipótese) por meio de referenciais teóricos publicados, analisando e discutindo as várias contribuições científicas. Esse tipo de pesquisa trará subsídios para o conhecimento sobre o que foi pesquisado, como e sob que enfoque e/ou perspectivas foi tratado o assunto apresentado na literatura científica. Para tanto, é de suma importância que o pesquisador realize um planejamento sistemático do processo de pesquisa, compreendendo desde a definição temática, passando pela construção lógica do trabalho até a decisão da sua forma de comunicação e divulgação. (BOCCATO, 2006, p. 266)

Na coleta do corpus, foram distribuídos questionários para duas professoras de Língua Portuguesa do 6º e 9º ano, de escolas públicas da cidade de Itapecuru Mirim/MA, que trabalham no acompanhamento dos discentes com TEA. A escolha do locus da pesquisa deu-se a partir da identificação de instituições que recebem um maior número de discentes com TEA.

Foi-se buscado direcionar o projeto a comunidade autista primeiramente pelo acréscimo do número de discentes nas escolas, também pela carência observada pela pesquisadora de métodos pedagógicos nas escolas do município na qual aconteceu a pesquisa fator este que dificulta o ensino e o rendimento do aluno. A seleção dos alunos foi de maneira minuciosa, na qual

elegeu encontrar professores de linguagem de salas de fundamental maior, assim como alunos desse nível de estudo.

A coleta dos dados essenciais para o desenvolvimento do projeto monográfico em questão deu-se da seguinte maneira: de início, a pesquisadora dirigiu-se a Secretaria de Educação da cidade de Itapecuru Mirim (SEMED), falou com o setor de educação inclusiva especial com o intuito de verificar as escolas que tinham o maior potencial de alunos com TEA e Professores de L.P dos anos finais do ensino fundamental. Segundo os dados do setor de Educação especial havia apenas uma escola na sede de Itapecuru com um numero superior de alunos autistas em relação às outras escolas, sendo assim, a escola base para a pesquisa deste projeto foi à instituição de ensino Unidade Escolar Maria Das Dores Cardoso.

Após a coleta dos dados escolares na Secretaria, a pesquisadora dirigiu-se a escola de pesquisa e após a autorização da diretora, foi entregue aos professores de Língua portuguesa da instituição o questionário com a carta de autorização.

A princípio as professoras utilizariam da metodologia descritiva para responder a indagação da pesquisadora, porém as preceptoras optaram por expor suas dificuldades através de comunicação oral, na qual permitiu uma flexibilidade nas respostas dos professores, a conversa iniciou-se e deu continuidade contendo apenas uma pergunta geradora da pesquisadora em direção as professoras, a mesma: Quais seus principais desafios no processo de ensino e aprendizagem com educandos com Transtorno do Espectro Autista? As professoras seguiram a conversa descrevendo suas limitações ao transmitir saberes e na busca pelo aprendizado do discente, processo denominado de ensino e aprendizado.

5 DESAFIOS DOS PROFESSORES DE L.P NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DE ALUNOS COM TEA

É explícito que a inclusão de alunos especiais é um processo que envolve não apenas a colocação dos mesmos em salas regulares de ensino, mas sua totalidade, aprendizado e sua permanência. É perceptível que ainda há um longo trajeto a percorrermos para alcançarmos a tão sonhada e desejada “inclusão escolar” e que de fato possua todos os sentidos que seu termo carrega em sua forma lexical.

Incluir a criança com autismo vai além de colocá-la em uma escola regular, em uma sala regular; é preciso proporcionar a essa criança aprendizagens significativas, investindo em suas potencialidades, construindo assim, o sujeito como um ser que aprende, pensa, sente, participa de um grupo social e se desenvolve com ele e a partir dele, com toda sua singularidade. Chiote (2013, p.21)

Atualmente o número de alunos com Transtorno do Espectro Autista aumentou de uma maneira significativa no cenário educacional brasileiro, e muitos profissionais da educação apresentam inúmeras dificuldades ao trabalhar com este público. Em conformidade a isto, vejamos os maiores desafios de alguns professores de LP no ensino e no aprendizado de alunos autistas no município de Itapecuru-mirim.

5.1 A falta de estímulos reforçadores nas aulas de LP

Quadro 1

P1: “O que é mais **difícil pra mim digo pra mim é que o aluno não consegue se concentrar na aula, ele fica andado** quando pensa que não todos os alunos estão fazendo bagunça. “Mermã” é muito complicado, tu entende?”

Fonte: elaborado pela autora.

O transtorno do Espectro Autista é um fator neurológico que gera na pessoa com TEA diversas características próprias do espectro ou mesmo adquiridas de outros fatores. Uma das características presentes é a falta de estímulo por alguns acontecimentos, trazendo para o âmbito escolar, muitas vezes a ausência de alento pela metodologia do professor, pois uma aula que

não é reforçadora para o aluno, gera total desconforto no discente autista, o não conhecimento do professor sobre algumas características de pessoas com TEA pode acarretar em um não desenvolvimento do aluno e esgotamento por parte do docente.

O alto número de alunos em sala de aula dificulta muito a relação do professor com estes alunos que muitas vezes não conseguem se situarem na aula levando a comportamentos estereotipados muitas vezes por falta de atenção ou de estímulos chamados de “reforçadores” que permitam sua permanência na sala de aula e sua conclusão nas atividades impostas pelo professor.

Levando em consideração alguns fatores notórios e existentes nas escolas públicas do Brasil o professor que possui vários alunos em sala de aula, uma sala extremamente lotada com alunos de diferentes realidades, o mesmo não conseguirá por sua vez e sozinho trabalhar de maneira precisa no desenvolvimento de seus discentes visto que o mesmo necessita fazer adaptações pedagógicas, usar metodologias adequadas e virar-se para ensinar o aluno com habilidades especiais, enquanto os outros membros da sala não contribuem de forma positiva. Há casos em que o professor por meio de conversa consegue explicar e fazer com que os seus alunos percebam e respeitem o momento do outro, outros casos são um tanto que impossível essa relação de entendimento e compreensão entre os alunos.

5. 2 A concepção do educador em relação ao aluno na sala regular

Quadro 2

P1“Eu penso assim não sei se tô certa é o que eu penso, eu penso que esses alunos não era pra ficar tudo na sala junto, sala regular que chamam, né?”

Fonte: elaborado pela autora.

Durante muito tempo pessoas que apresentavam alguma deficiência eram vedadas de seus direitos e um deles era o direito à escolarização, após lutas constantes os mesmos começaram a serem inclusos gradativamente nos âmbitos sociais, através de legislações que lhes permitiam isto. Antes da falada

“inclusão escolar” tivemos o período de “integração” onde os alunos com alguma deficiência eram colocados separadamente dos demais alunos no âmbito escolar. Mesmo com avanços significativos para este público e toda sociedade, ainda há uma incógnita quando o assunto é se existe de fato inclusão nas instituições de ensino públicas brasileiras.

Por meio da fala da professora entrevistada, pôde-se perceber que para que haja educação de qualidade que vise o avanço do aluno é de suma importância que esteja estabelecida uma boa relação entre os dois mecanismos de informação em uma sala de aula (o professor e o aluno) e que a barreira existente no meio dos dois deve ser quebrada, o aluno não pode ser visto como um empecilho, ou como um mecanismo que dificulta a relação do professor com sua sala de aula, e sim como parte dela,

Na fala da professora entrevistada podemos perceber que ainda há um certo preconceito educacional em cima de alunos especiais, nesta pesquisa, em alunos com TEA. SCHWARTZMAN E ASSUNÇÃO JUNIOR, 1995 acrescenta que: “Quanto mais significativo para a criança forem os professores, maiores serão as chances dela promover novas aprendizagens, ou seja, independente da programação estabelecida, ela só ganhará dimensão educativa quando ocorrer uma interação entre o aluno autista e o professor”.

Para que haja um bom rendimento no processo de ensino e aprendizagem é necessário que o profissional esteja sensível as necessidades e as características daquele aluno, é fundamental o diálogo entre a família e os membros que fazem acompanhamento com aquele determinado indivíduo, caso ele faça acompanhamento, para que se possa chegar em uma maneira mais eficaz de ensino, visto que para trabalhar com uma pessoa com TEA não há uma receita pronta, pois cada pessoa carrega sua singularidade.

Há diversos fatores que podem contribuir para o surgimento desta maneira da professora em questão de qualificar o aluno com TEA, um deles pode ter sido a falta de orientação pedagógica, de formação contínua, cabendo assim adaptações curriculares para trabalhar com o público alvo desta pesquisa. Cabe salientar que uma vez que o professor tem este pensamento impotente em relação ao seu aluno ao ponto de questionar a sua permanência em uma sala regular com alunos típicos, esta maneira de olhar o discente sobretudo acarreta na qualidade de ensino que será transmitida, na atenção

que será dada ao aluno. É viável ressaltar que a permanência do aluno especial em uma sala regular de ensino é amparada pela lei 9394/96, essa inclusão pode contribuir não apenas com o aprendizado acadêmico, além disto ajudando também no desenvolvimento de suas habilidades sociais.

É de suma importância para o desenvolvimento pedagógico de um aluno especial o acompanhamento da professora em suas atividades, visto que o professor é a pedra angular deste processo.

5. 3 Retrocesso educacional sob a ótica do professor

Quadro 3

P1: “[...] Pois é, eu penso que era pra eles ficar em uma sala separada com um professor só pra eles, como existia antes uma sala só pra esses alunos, porque o professor fica ruim, junta com os alunos ditos normais e a sala toda fica anormal, porque a gente não tem ajuda, devia ter alguém pra ajudar a gente.

E eles ia ser incluídos nas atividades no pátio e tudo, ia ter inclusão.

Fonte: elaborado pela autora.

Nesta etapa podemos perceber o descaso e a pouca importância que é dada aos alunos especiais na fala da professora, há a presença de um retrocesso educacional que seria a integração desses alunos em escolas regulares, visto que seriam colocados em salas separadas dos demais alunos, o que conseqüentemente afetaria no seu desenvolvimento. Podemos perceber que a presença desses discentes nas salas de aula ainda é justificada como uma “desorganização”, ou um empecilho para a realização das atividades do professor, sua interação com a turma e organização dos alunos na sala de aula.

Pôde-se perceber o preconceito lexical na fala da professora ao relatar a interação dos alunos com os outros discentes da turma “a sala fica toda anormal”, percebe-se que algumas características típicas dos autistas ainda representam para alguns professores uma “falta de atenção”, em alguns casos o aluno especial ainda é considerado apenas algo segregado e não parte

integral da sala de aula regular. Tendo muitas vezes a atenção do professor voltada apenas aos alunos típicos.

5. 4 As mazelas públicas educacionais

Quadro 4

P1: “[...] É um auxiliar, é muito ruim, vira uma bagunça, como o professor vai dá conta de uma sala lotada e alunos especiais? O governo não ajuda, a estrutura da escola também não tem suporte pra trabalhar com esses alunos, falta material pra gente fazer alguma coisa pra eles”.

Fonte: elaborado pela autora.

As lacunas na educação e nas escolas públicas do Brasil é algo perceptível dentro e fora do âmbito escolar, mazelas estas que afetam não somente a estrutura física das escolas, mas principalmente na questão pedagógica, afetando na formação dos discentes. As instituições de educação pública brasileira agregam um número significativo de alunos que vem de famílias de classes não tão favorecidas financeiramente e que dependem destas instituições para o pleno desenvolvimento acadêmico de seus familiares.

Um rendimento escolar com mazelas é responsável pelo crescimento da pobreza e desigualdade no país. De encontro com a fala da professor a demasiada quantidade de aluno nas sala de aula dificulta na relação professor-aluno no processo de repassar conhecimento ao seu aluno com TEA, visto que a mesma não dispõe de um suporte pedagógico em sala de aula.

Com base na fala da professora e pensando em uma educação especial inclusiva de qualidade, infere-se que seja difícil termos uma inclusão de fato, diante do atual cenário das escolas públicas brasileiras. Para que haja mudança nesta perspectiva é necessário um compromisso dos órgãos públicos, dos governantes com a educação brasileira, pois a educação inclusiva requer um cuidado a mais tanto na questão estrutural da escola, quanto no fator pedagógico.

Portanto, faz-se necessário um olhar atencioso e bondoso para a educação pública no Brasil, cabe introduzir melhorias e qualidade na educação brasileira. É notória a necessidade de políticas públicas que sejam realmente efetivadas, por trás de um ensino de qualidade não há apenas um professor de

excelência que é de suma relevância, mas também de um conjunto de fatores que contribuem para isso, fatores esses que podem ser externos as instituições de ensino, ou não.

5. 5 A inclusão é um dever somente do professor?

Quadro 5

P1:[...] isso mesmo, isso é muito importante e a gente quase não tem, as vezes nem tem, tô te dizendo que é muito difícil. Eu fico com pena mas as vezes nem tem como a gente ajudar esses alunos, ajudando eles na atividade, porque tem os outros aluno e a sala é lotada, se a gente tivesse ajuda seria melhor. A família também as vezes não ajuda a gente professor, é muito difícil. E é isso que eu penso, tem muito desafio.

Fonte: elaborado pela autora.

A professora relata a realidade de algumas escolas, em prior as de qualidade publica problematizando o número extenso de alunos nas salas de aula, fator que dificulta o professor em perpassar conhecimento à todos os alunos da classe, sendo eles típicos ou atípicos. É sabível que alunos com diagnósticos requer uma adaptação curricular individual, isto é um Plano de Desenvolvimento Individual (PDI), é sabível por lei que a pessoa autista tem o direito estabelecido pela lei 12.764/2012 lei Berenice Piana, que caso se comprove a necessidade, o mesmo tem pleno direito de um tutor especializado em sala de aula para o seu pleno desenvolvimento, contribuindo para a “inclusão” destes discentes.

De acordo com a exposição teórica da professora de Língua Portuguesa foi possível perceber o não comprometimento dos responsáveis pelos órgãos públicos com os alunos que precisam de um atendimento especial e que tem seus direitos legalizados.

6 CONCLUSÃO

A presente pesquisa disponibilizou análises sobre a inclusão de alunos autistas e quais os barreiras que dificultam este processo nas aulas de Língua Portuguesa em escolas públicas do município na qual foi realizada a pesquisa. Todas as indagações e hipóteses do seguinte projeto foram afirmadas nas análises expostas no capítulo cinco.

Este trabalho analisou os entraves nas aulas de Língua Portuguesa que dificultam na inclusão de alunos autistas, os dados desta pesquisa foram selecionados pela ótica de professores de L.P regente das turmas do 6º e 9º ano. No decorrer das análises os objetivos base para a pesquisa e desenvolvimento deste projeto foram afirmados, é cabível a explanação e exposição dos objetivos para melhor visualização da pesquisa, o projeto monográfico se reergueu com base nos seguintes objetivos: identificar os desafios de professores de Língua Portuguesa no processo de ensino e aprendizagem de educandos com TEA; analisar a relação entre professores e discentes como alicerce para o desenvolvimento dos alunos com TEA nas aulas de Língua Portuguesa.

Constatou-se no decorrer das análises pensamentos ultrapassados por parte das professoras entrevistadas, notou-se a presença de preconceito lexical em relação aos alunos autistas e a permanência dos mesmos nas salas regulares, na qual segundo as análises o aluno não é visto como um ser parte da sala de aula, do contexto escolar e sim algo segregado e que muitas vezes devido seu comprometimento em algumas áreas de seu desenvolvimento e que geram comportamentos estereotipados o mesmo torna-se algo aversivo para os professores.

De acordo com as observações realizadas é perceptível um longo percurso rumo à educação inclusiva, percebe-se que existem muitas barreiras que comprometem a escolarização destes discentes, barreiras estas que são os pilares na educação dos sujeitos, como: políticas públicas que sejam seguidas, apoio aos professores e alunos, apoio estes internos e externos à escola, relação ativa família-escola, órgãos públicos comprometidos com a formação e desenvolvimento dos professores e alunos.

Por fim, é observável que uma das maiores dificuldades na inclusão de alunos autistas nas aulas de Língua Portuguesa é a maneira como o professor

caracteriza seu aluno, é de máxima importância o comprometimento do professor com o aluno, é louvável que o mesmo veja o discente atípico como parte da turma e esteja sensível para observar as suas possibilidades por trás do que é aparente, suas limitações, o olhar crítico e pejorativo do professor em relação ao aluno com necessidades especiais nada contribui para o progresso dos mesmos, tanto do professor, quanto do aluno. Outros pontos de extremas carências são a relação de descaso dos órgãos públicos com a educação inclusiva, a pouca formação oferecida pelo governo direcionada aos professores, o pouco caso dado aos alunos e a falta de participação ativa das famílias com a escola, estes são outros grandes fatores que dificultam a inclusão destes discentes.

Vale ressaltar que através das análises ficou visível que estes alunos não estão sendo incluídos nas aulas de Língua Portuguesa, além de serem vistos como um entrave para o desenvolvimento da turma, dos alunos típicos.

Tendo em vista o resultado obtido neste projeto são viáveis algumas futuras extensões desta linha de pesquisa como: quais recursos pedagógicos os professores podem utilizar a partir da problemática que dificultam o ensino e o aprendizado dos alunos autistas? Qual apoio que o corpo docente das escolas oferece aos professores? Quais as formações oferecidas pelo mercado brasileiro para os profissionais de educação em relação ao público com necessidades específicas?

REFERÊNCIAS

BRASIL. Decreto Federal nº 8.368/2014, de 02 de dezembro de 2014. Regulamenta a Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012, que institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF: 03 dez. 2014;

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm >. Acesso em: 01 ago. 2020;

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). **Alunos com transtorno do espectro Autismo**. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-85572020000100333&script=sci_arttext>. Acesso em: 25 de set. 2020;

BRASIL, **Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012**. Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista;

BEREOHFF, A. M. P.; LEPPPOS, A. L. E.; FREIRE, H. V. **Considerações Técnicas sobre o atendimento psicopedagógico do aluno portador de condutas típicas da síndrome do autismo e de psicose infanto-juvenis**. Brasília: ASTECA, 1994;

BOCCATO, V. R. C. Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação. **Rev. Odontol. Univ. Cidade São Paulo**, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 265-274, 2006;

CUNHA, Eugenio. **Autismo e inclusão: psicopedagogia práticas educativas na escola e na família**. 6 ed. Rio de Janeiro: Wak Ed. 2015. 140 p.;

CHIOTE, F.A.B. **Inclusão da criança com autismo na educação infantil: trabalhando a mediação pedagógica**. Rio de Janeiro: Wak, 2013;

DELORS, J. **Educação: um tesouro a descobrir**. 8. ed. - São Paulo: Cortez; Brasília, DF: MEC: UNESCO, 2003;

FREIRE, P. **A Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: "Paz e Terra", 1996;

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2008;

KANNER, Leo. **Autistic disturbances of affective contact**. Em: *Nervous child* 2: 217-50, 1943

LIBÂNEO, J. C. **O processo de ensino na escola**. São Paulo: Cortez, 1994. p. 77-118;

LIBÂNEO, J. C. **Os métodos de ensino**. São Paulo: Cortez, 1994. P. 149-176;

LOPES, Maura Corcini. **(Im) possibilidades de pensar a inclusão**. Trabalho apresentado na 30ª Reunião da ANPED. Programa e textos www.anped.org.br/. Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED), 2007;

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Filosofia da Educação**. 7ª ed. São Paulo: Cortez, 1994;

Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014;

MAZZOTTA, M. J. S. **Educação especial no Brasil: história e políticas públicas**. São Paulo: Cortez, 1996;

MENDES, E. G. A radicalização do debate sobre inclusão no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 33, p. 387-405, 2006.

Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/rbedu/v11n33/a02v1133.pdf>>.

Acesso em: 3 set. 2020;

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Declaração Mundial sobre Educação para Todos: Satisfação das necessidades básicas de aprendizagem.** 1998. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/declaracao-mundial-sobre-educacao-para-todos-conferencia-de-jomtien-1990>>. Acesso em: 08 set. 2020;

OLIVEIRA, Dalila de Andrade. **Gestão Democrática da Educação: Desafios Contemporâneos.** 7ª edição. Petrópolis, RJ. Editora Vozes;

ORRÚ, S. E. **A formação de professores e a educação de autistas.** Revista;

PEREIRA, C. J. T. **A Formação do Professor Alfabetizador: desafios e possibilidades na construção da prática docente.** 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) – Fundação Universidade Federal de Rondônia. Porto Velho, RO, 2011. Disponível em: <http://www.ppge.unir.br/uploads/62248421/arquivos/DISSERTA__O__CL_UDIA_JUSTUS_T_RRES_PEREIRA_520926749.pdf> Acesso em: 02 de ago. de 2020;

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de, **Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico**, 2ª Ed., Novo Hamburgo - RS, Associação Pró-Ensino Superior em Novo Hamburgo - ASPEUR Universidade Feevale, 2013;

SACKS, Oliver. **Um antropólogo em Marte, Sete Histórias Paradoxais.** Editora Companhia das Letras. São Paulo. 1995;

SCHWARTZMANN, José Salomão & ASSUMPÇÃO Jr., Francisco Baptista: **Autismo Infantil.** São Paulo: Memnon, 1995;

UNESCO. **Carta de Salamanca.** Revista Orealc, 1994;

ZANON, R. B., Backes, B., & Bosa, C. A. (2014). **Identificação dos primeiros sintomas do autismo pelos pais**. *Psicologia: Teoria & Pesquisa*, 30(1), 25-31. DOI: 10.1590/S0102-37722014000100004.

ANEXO

Anexo A: Ofício Circular Nº 51/2019-LET/ITA/UEMA



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DO
MARANHÃO

CAMPUS DE ITAPECURU-MIRIM DIREÇÃO DO CURSO DE LETRAS

Ofício Circular Nº 51/2019-LET/ITA/UEMA Itapecuru-Mirim, 31 de outubro de 2019.

A Senhor/a

Diretor/a da Escola Maria das Dores
Cardoso Itapecuru Mirim.

Assunto: Coleta de dados.

Senhor/a Diretor/a,

Solicitamos a Vossa Senhoria, a permissão para que a acadêmica **Layane Matias Silva**, do curso de Letras – Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa – Campus Itapecuru, possa realizar uma coleta de dados para TCC, nesta instituição.

O pleito se faz necessário tendo em vista a melhoria da qualidade do ensino, tornando-o mais abrangente e diversificado.

Atenciosamente,



Prof. Dra. Tereza Maria Sousa Rocha
Diretora do Curso de Letras
CE:ITA / UEMA
MAT 6476 01

APÊNDICE

Apêndice A: Termo de consentimento livre e esclarecido



CENTRO DE ENSINO SUPERIOR DE ITAPECURU MIRIM
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O presente termo faz parte da pesquisa da discente _____, inscrita no CPF nº _____, matriculada no **Curso de Letras, da Universidade Estadual do Maranhão, em Itapecuru Mirim**. A proposta visa analisar os entraves e as potencialidades presentes no ensino e na aprendizagem de língua portuguesa dos discentes com Transtorno do Espectro Autista, na perspectiva dos professores de língua portuguesa. A pesquisa pode contribuir na educação de pessoas com TEA, uma vez que pode elencar os fatores que estão interferindo de fato nas aulas de língua portuguesa. As informações coletadas serão utilizadas apenas como fonte das análises, sem fins comerciais, e os dados dos participantes não serão divulgados.

Então, eu, _____, inscrito(a) no CPF sob nº _____, professora de uma pessoa com TEA, **ACEITO participar da pesquisa e AUTORIZO o uso das informações por mim prestadas**, para fins do estudo proposto, estando de acordo com as orientações anteriormente apresentadas.

Itapecuru Mirim, _____ de _____ de 2019.

Assinatura

Apêndice B: Coleta de dados



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DO
MARANHÃO

CENTRO DE ENSINO SUPERIOR DE ITAPECURU MIRIM
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

COLETA DE DADOS

**A INCLUSÃO ESCOLAR DE ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO
AUTISTA (TEA) NO MUNICÍPIO DE ITAPECURU-MIRIM: com a palavra, os
professores de Língua Portuguesa**

Quais seus desafios no processo de ensino e aprendizagem de alunos com
Transtorno do Espectro Autista?